

## **Implementação de estratégias metodológicas junto a uma instituição para deficientes mentais**

Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues\*  
Rafael Guillard Armelin\*\*

### **Resumo**

Este trabalho implementou intervenções visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas atendidas numa instituição para deficientes mentais em duas etapas: um curso e a implementação de estratégias metodológicas. O curso objetivava informar e promover reflexão sobre o papel das professoras na abordagem ecológica funcional. Antes do curso foram convidadas a escrever seu conceito de educação especial. Os resultados mostraram definições voltadas mais para o comportamento do aluno do que práticas pedagógicas que possibilitariam a aprendizagem da criança. O curso culminou com a elaboração de planos de trabalhos idealizados para as áreas curriculares propostas pela abordagem. O objetivo da segunda etapa era possibilitar o acesso a novas formas de trabalho, instrumentalizando os professores para: a) avaliar o repertório comportamental dos alunos da sua sala e, b) elaborar planos de trabalho anual, mensal e semanal. Os estagiários de Psicologia treinaram sete professoras para utilizar o Inventário de Habilidades. Os resultados obtidos permitiriam aos professores planejar tanto individual quanto coletivamente. Diante da dificuldade das professoras em visualizar ganhos a longo prazo, elegeu-se temas geradores que seriam trabalhados com os alunos, num plano de ação para os dois próximos meses. Os resultados obtidos no projeto como um todo, permitiram concluir que a formação continuada dos professores em Educação Especial deve envolver tanto a aquisição de novos conhecimentos, quanto a oportunidade de refletir sobre sua prática. O trabalho conduzido mostrou que é preciso reconhecer dificuldades, transformando-as em passos menores, possíveis de serem atingidos. O trabalho conjunto e pontual foi o diferencial para o sucesso dessa empreitada.

**Palavras-chave:** Abordagem ecológica funcional. Educação especial. Formação continuada.

### **Implementation of methodological strategies in a establishment for mental deficient**

#### **Abstract**

This work implemented interventions to improve the quality of life of the person attended in a establishment for mental deficient in two stages: the course and the implementation of methodological strategies. The objective of the course was to inform and to promote reflexion about the part of teachers in the functional ecological approach. Before the course, the teachers wrote about their conceptions

\* Docente do Departamento de Psicologia/Faculdade de Ciências/UNESP.

\*\* Aluno do Curso de Psicologia/FC/UNESP/Bauru.

of special education. The results showed that their conceptions were concentrated in the student's behaviors, and not about their pedagogical exercises that make the learning of their students possible. In the end of the course, they made plans for work with the curricular areas of the approach. The objective of the second part was to promote to access to new kinds of work, giving instructions for the teachers to be able to: a) evaluate the student's behavioral repertoire and, b) make plans to work in the years, months and weeks. The probationers instructed seven teachers how to do to apply the Inventory of accomplishments. With the results of the inventory, the teachers made individual and collective plannings. The teachers had some difficulties in seeing the student's gains in a long-time run. Because this was implemented basic themes for teaching the students, with plannings for the two next months. The results of this project permitted us conclude that the continuing formation to special education teachers must involve the acquisition of new knowledge and also the reflexion about their own daily practice. This work showed that we must recognize the difficulties, changing it in small objectives that could be attained. The joint and punctual action was essential for the success of this work.

**Keywords:** Functional ecological approach. Special education. Continuing formation.

Tradicionalmente, os alunos que não acompanhavam o currículo regular eram considerados "incapazes" e, este mesmo currículo lhes era oferecido na Educação Especial, em ritmo mais lento, valorizando a aquisição de habilidades consideradas básicas para a alfabetização (GUHUR, 1994; MENDES, 2002). Hoje, partindo do pressuposto de que a educação ultrapassa a questão da escolaridade, no sentido de conteúdos puramente acadêmicos e, que todas as pessoas podem se beneficiar tanto da educação sistemática como da assistemática, há uma proposta curricular-cultural-comunitária-participativa, apoiada no conhecimento do aluno, do seu meio e das relações recíprocas entre os mesmos. Essa proposta curricular é denominada Abordagem Ecológica Funcional (CARDOSO, 1997).

Esse modelo em Educação Especial surgiu na Europa, no início da segunda metade do século passado trazendo mudanças no papel dos educadores, antes considerados secundários no tratamento de pessoas com deficiências, uma vez que a educação era considerada menos importante do que as diferentes formas de terapia. Essa abordagem reconhece o indivíduo com cultura e valores próprios, atuante na comunidade em que está inserido. A educação deve acontecer neste contexto, propiciando o desenvolvimento de todas as aptidões e habilidades específicas de cada um dos envolvidos, sejam eles "normais" ou "pessoas com necessidades especiais" (CARDOSO, 1997; MIURA, 1999).

A Abordagem Ecológica Funcional em Educação Especial deve ser culturalmente adaptada valorizando a inclusão social do aluno no seu meio enquanto um indivíduo independente e produtivo. Nesse ponto de vista, parte-se do princípio de que o aluno é um ser dinâmico, complexo, em desenvolvimento e com história própria, participante de um contexto que engloba a família, o meio

social, os valores pessoais, familiares e da comunidade a que pertence. Nesta abordagem considera-se que o aluno vive em constante interação com seu meio, contribuindo para mudanças do mesmo e dele, influenciando e recebendo influência. É uma abordagem dinâmica, que prevê constantes adaptações em relação a cada educando. Para isso, exige um minucioso conhecimento da realidade do aluno e a flexibilidade da escola em proporcionar oportunidades e atividades distintas daquelas comumente oferecidas no ensino regular ou especial (CARDOSO, 1997; MIURA, 1999).

O currículo, na abordagem ecológica funcional, deverá sempre prever estratégias e procedimentos de ensino que facilitem a participação do educando em todas as etapas do seu desenvolvimento, dentro deste contexto ecológico comunitário. Nessa abordagem o currículo escolar é entendido como um conjunto de propostas que levam a determinar, executar e avaliar as atividades e conteúdos oferecidos de forma sistemática aos alunos da Instituição escolar. A finalidade do currículo na abordagem ecológica é a de contribuir, através da apresentação sistemática de conteúdos e atividades, para o desenvolvimento pleno do aluno, considerando todo o seu potencial. Os objetivos são traçados após o conhecimento do aluno e do ambiente em que ele vive, porém vinculados as diferentes dimensões do aluno e as diferentes prioridades nas áreas curriculares estabelecidas (CARDOSO, 1997; MIURA, 1999).

Le Blanc (1990, *apud* SANTOS, 1997) lembra que a elaboração de um currículo funcional inclui a proposição de objetivos para os alunos, pautados em sua realidade, considerando a idade cronológica e as etapas do desenvolvimento, para decidir o que deverá ser ensinado, acrescido de uma análise do ambiente atual dessas pessoas. Esse conjunto de informações indicará as habilidades funcionais que necessitam aprender na vida atual e futura, para que se tornem cada vez mais independentes e produtivos. Neste sentido, há que se pensar em desenvolvimento de habilidades que resultem em autonomia e empoderamento, tornando-o, se possível, um cidadão produtivo.

Em Educação Especial, segundo a Abordagem Ecológica e Funcional, o planejamento deverá, então, estar em consonância com a vida do aluno em qualquer ambiente que esteja e com seu futuro. Nesta perspectiva, as áreas curriculares devem ser definidas por ambientes de vida do aluno. Área Doméstica: tudo que se relaciona à vida privada e domiciliar, focalizando sua independência pessoal, no momento atual e futuro; Área Comunitária: tudo que se refere à vida na comunidade que pertence/pertencerá, alargando sempre seus horizontes; Área Escolar: tudo o que diz respeito à participação do aluno na escola e em atividades tradicionalmente por ela patrocinadas, focalizando a apropriação do conhecimento produzido, durante os anos escolares; Área Ocupacional: com toda a complexidade relacionada a uma vida de participação, contribuição e/ou produção significativa para si e para os outros (CARDOSO, 1997).

Le Blanc (1993, *apud* MIURA, PROFETA E TOLEDO, 2000) enfatiza que o êxito no ensino se deve a condução de um programa educacional que utilize técnicas de ensino que resultem em aprendizagens efetivas. A autora chama a atenção para o papel do professor em Educação Especial ao selecionar técnicas de ensino que facilitem a aprendizagem fornecendo oportunidades para o desempenho de atividades adequadas a faixa etária do aluno e aos objetivos propostos para ele. A decisão pela técnica passa pela observação do desempenho do aluno na atividade e a análise das dificuldades/facilidades na mesma. Iverson (1999) ressalta que é importante que o professor use métodos de ensino que maximizem o comportamento do aluno na tarefa.

Grossi, Buranello e Silva (1998) a partir de um currículo funcional implementaram o desenvolvimento de repertório adaptativo em uma criança deficiente mental através de procedimentos de ajuda graduada, modelagem e modelação.

Santos (1997) descreveu a reorganização de um atendimento oferecido numa instituição para deficientes mentais. Um currículo funcional foi elaborado para subsidiar a definição das atividades a serem desenvolvidas, a partir de uma rotina, tendo em vista a análise das necessidades dos alunos e do ambiente com o compromisso de torná-los mais independentes.

O presente trabalho pretendeu implementar intervenções, junto a equipe de uma Instituição, visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas com necessidades especiais ali atendidas, otimizando a inclusão participativa na comunidade onde vivem, considerando outras que também poderão viver.

A Instituição, localizada no interior do estado de São Paulo, foi criada com o objetivo de fornecer educação especial a crianças e adultos com necessidades especiais (deficiências mentais e múltiplas) de ambos os sexos. Esta atendia, na época deste trabalho, cinquenta e cinco alunos, sendo 80% com idade acima de 12 anos. A Instituição contava com um quadro de 16 profissionais, sendo, onze professoras, sendo que uma também ocupava o cargo de diretora, uma assistente social, uma psicóloga, uma cozinheira, uma monitora de cozinha e uma funcionária para serviços gerais.

O projeto foi executado em duas etapas distintas: o curso e a elaboração e implementação do projeto que mereceram objetivos, procedimentos e análise de resultados distintos.

### **Etapa 1:**

No segundo semestre de 2004, a diretora da Instituição procurou o Centro de Psicologia Aplicada (CPA) de uma Universidade pública, para uma parceria visando o desenvolvimento dos alunos da Instituição. Inicialmente as queixas apresentadas eram de problemas de comportamento de diferentes dimensões e características. Além disso, a diretora queixava-se da inexistência

de avaliações sistemáticas por falta de pessoal especializado na escola. Havia somente uma psicóloga, mas que por contrato, tinha o cargo de professora. A diretora relatava a dificuldade de planejar e implementar atividades para os alunos da Instituição.

Partindo do pressuposto que só se poderia assessorar um trabalho se estivesse coerente com nossa maneira de entender a Educação Especial foi proposto à equipe da Instituição a apresentação da Abordagem Ecológica Funcional (CARDOSO, 1997) que poderia, mais tarde, se fosse do interesse daquele coletivo, subsidiar as futuras ações do mesmo.

O objetivo dessa etapa foi possibilitar o acesso a informação e a reflexão sobre a abordagem proposta e o papel dos educadores na mesma, de forma a promover, para os alunos, condições para o desenvolvimento de todas as suas habilidades em todos os ambientes com os quais se relaciona. Conhecer, antes de aplicar, possibilitaria a revisão de conceitos sobre deficiência e deficientes, assim como a definição de novos rumos para o trabalho com esta população.

O curso foi realizado nas dependências do Centro de Psicologia Aplicada, em cinco dias de aula, num total de 15 horas de duração, contando com a participação de todos os funcionários da Instituição. Partiu-se do pressuposto que todos são educadores em potencial, uma vez que todo e qualquer ambiente da escola é, em princípio, um ambiente educativo.

Participaram do curso 11 professoras. Delas, 55% já possuíam curso superior, sendo 36% em Pedagogia. Das demais, 36% estavam cursando Pedagogia. Do conjunto das professoras 72% já haviam feito ou estavam fazendo cursos de formação continuada em Educação Especial ou Psicopedagogia. O tempo médio de experiência docente em Educação Especial era de sete anos.

No primeiro dia do curso as professoras foram convidadas a responder uma questão a fim de fornecer uma linha de base sobre o conceito que possuíam sobre educação especial.

Os resultados mostraram que as definições são voltadas mais para o comportamento do aluno (possibilidades, necessidades, limitações) do que para um conjunto de práticas pedagógicas que possibilitariam a aprendizagem da criança. Para Rodrigues (2005) a Educação Especial consistiria de um conjunto de tecnologias que o professor deveria dominar para possibilitar a qualquer indivíduo aprendizagens efetivas. Com relação à aprendizagem das crianças com deficiência, Stainback & Stainback (1999) consideram que cabe ao professor fazer a si mesmo questões sobre a capacidade dos alunos de participar das atividades da mesma forma que os demais, sobre as possíveis modificações ou a provisão de tecnologia de apoio e sobre quais expectativas devem ser modificadas para garantir a plena participação do aluno nas aulas.

Quadro 1. Relatos dos professores sobre Educação Especial


A metodologia utilizada no curso era composta de aulas expositivas, leitura de textos, discussões em grupos, etc. conforme descrito no Quadro 2. O objetivo era iniciar uma reflexão sobre conteúdos a serem ensinados que tenham significado para o aluno, considerando seu meio ambiente e sua idade cronológica. O curso culminou com a elaboração de planos de trabalhos idealizados para as áreas curriculares propostas pela abordagem, assim como a proposta de algumas estratégias de ensino. Ao final do curso, a equipe escolar manifestou o desejo de trabalhar nesta abordagem, estabelecendo um acordo formal para um trabalho conjunto a ser iniciado no próximo ano.

#### **Etapa 2:**

A segunda etapa deste projeto envolveu, então, um trabalho diretamente na Instituição. O objetivo geral desta etapa do projeto era possibilitar o acesso a novas formas de trabalho, instrumentalizando os professores da Instituição no planejamento de suas atividades, com os alunos, de acordo com os objetivos da mesma, propostos no Projeto Pedagógico.

Para chegar a este objetivo foram elencados como objetivos específicos: definir, no coletivo, os objetivos da Instituição enquanto escola de educação especial dentro da Abordagem Ecológica Funcional e instrumentalizar os professores para: a) avaliar o repertório comportamental dos alunos da sua sala; b) elaborar um plano de trabalho anual e, c) elaborar um plano de trabalho mensal, semanal e diário.

Quadro 2: Cronograma das atividades do Curso


Participaram desta etapa sete das onze professoras que fizeram o Curso (houve uma mudança de critério na Secretaria de Educação com relação ao número de professoras por alunos), quatro estagiários do Curso de Psicologia e a supervisora da pesquisa.

As ações foram organizadas tendo em vista a obtenção de cada um dos objetivos específicos propostos, considerando a relação de dependência entre eles. Em um encontro com todos os envolvidos (equipe escolar, estagiários e supervisora) definiu-se os objetivos da Instituição, de acordo com a proposta da Abordagem Ecológica Funcional e do Plano Político da mesma. Tais objetivos deveriam, então, nortear os planejamentos das salas que deveriam subsidiar planejamentos individuais. Todavia, era preciso conhecer para quem se vai planejar.

Ainda que a maioria dos alunos freqüentasse a escola há alguns anos, os professores tinham dificuldades em descrever o repertório comportamental deles. Os professores foram, então, treinados pelos estagiários para utilizar o Inventário de Habilidades (Rodrigues, 1998), de aplicação simples, mas que permite avaliar tanto as habilidades básicas quanto às de vida prática. Essa decisão foi pautada pela necessidade do próprio professor avaliar seus alunos para, então, planejar para eles.

Os resultados obtidos permitiriam aos professores, além de conhecer cada um, traçar um perfil dos alunos da sua sala com o objetivo de planejar tanto individual quanto coletivamente.

Durante a condução das avaliações pelas professoras, os estagiários realizaram observações para conhecer a estrutura da escola em vários momentos: entrada e saída dos alunos, intervalos e refeições e, também, como se davam as relações entre professores/funcionários e alunos e entre os próprios alunos. Foram realizadas observações em sala de aula com a finalidade de verificar a condução das atividades e a forma de controle exercida sobre os alunos, para depois, discutir as estratégias a serem implementadas.

A partir da avaliação, reuniões semanais com as professoras foram realizadas, tendo em vista a realização do plano para o ano. Aparentemente, havia uma lógica na proposição de objetivos a longo prazo, para depois programar objetivos a médio e a curto prazo.

Todavia, houve dificuldade, por parte das professoras, para visualizar os possíveis ganhos a tão longo prazo (ao final do ano). Era preciso que pensassem qual seria o papel da escola na vida desse indivíduo atualmente e no futuro. Quando se pensa em autonomia é importante pensar que tipo de autonomia queremos para cada pessoa nos ambientes em que vive e que poderá viver no futuro. A partir daí se estabelece o que precisamos trabalhar a médio prazo (para o semestre, por exemplo) e a curto prazo (a cada dia, cada semana). Entendeu-se que a causa desta dificuldade talvez esteja relacionada a inexperiência das professoras neste aspecto. Uma outra possível dificuldade seria a diversidade de áreas proposta pelo currículo dentro desta abordagem prevendo, inclusive, ações que envolvessem contextos além dos muros escolares, com ênfase no trabalho com a família.

O que parecia claro para a equipe de estagiários e supervisor, não estava para os professores. Uma proposta foi planejar para o semestre. Tais discussões mostraram que é preciso começar do que as professoras são capazes de fazer. É o mesmo exercício que propomos que elas fizessem com seus alunos: analisar o repertório de entrada antes de fazer o planejamento.

Naquele contexto foram eleitos temas comuns para todas as classes denominados por elas de *temas geradores*, que seriam assuntos pré estabelecidos, aproveitando datas festivas, por exemplo, que seriam explorados por todas as professoras, no máximo de atividades acadêmicas, com todos os alunos, envolvendo a proposição de objetivos para cada sala e para cada aluno. A partir deles, olhando para as necessidades e reservas comportamentais dos seus alunos, cada professora conseguiu elaborar um plano de ação para os dois próximos meses.

Atividades variadas, assim como outras formas de avaliação dos alunos nas mesmas foram objeto de pesquisa e programação tanto dos professo-

res quanto dos estagiários. Para Cardoso-Buckley (1999) a ênfase do planejamento educacional está nas condições de ensino oferecidas de forma a garantir a apropriação do conhecimento pelo aluno.

Os resultados obtidos no projeto como um todo, permitiram concluir que a formação continuada dos professores em Educação Especial deve envolver tanto a aquisição de novos conhecimentos, através de cursos, por exemplo, quanto a oportunidade de refletir sobre sua prática. Mittler (2003) defende a implementação de cursos seqüenciais de capacitação de professores de Educação Especial e Inclusiva como oportunidade de esclarecer dúvidas pontuais, trocar experiências e, como resultado, melhorar sua prática pedagógica.

Cortegoso (2001) num artigo sobre administração de agências de atendimento educacional chama a atenção para um aspecto importante nesse processo que é a geração de condições para a atualização dos recursos humanos. Nesse caso, é preciso dar condições para que o professor identifique e caracterize suas necessidades para que se possa definir estratégias que o prepare para seu papel.

Quando se analisa a formação desse grupo de professores observamos que eles possuem ou estão fazendo curso superior (91% delas), além de cursos de formação continuada (72% delas) o que deveria ter dado subsídios para a sua prática. No entanto, tais cursos têm sido feito de forma descontextualizada o que resulta em poucos ganhos efetivos para a sua prática.

O trabalho conduzido com esses professores mostrou que é preciso reconhecer dificuldades, transformando-as em passos menores, possíveis de serem atingidos. A presença constante dos estagiários possibilitou o apoio às dificuldades e oportunidade de reforço imediato aos acertos dos professores. Com certeza, o trabalho conjunto e pontual foi o diferencial para o sucesso dessa empreitada na qual os ganhadores foram, principalmente, os alunos.

## **Referências**

CARDOSO, M.C.F. **Abordagem ecológica e funcional em educação especial**: fundamentos básicos para o currículo. Brasília: MEC/CORDE, 1997.

CARDOSO-BUCKLEY, M.C.F. A necessidade de uma proposta educacional para crianças com retardo significativo no desenvolvimento cognitivo e que apresentam distúrbios de comportamento. In: NUNES SOBRINHO, F.P; CUNHA, A.C.B. **Dos problemas disciplinares aos distúrbios de conduta**: práticas e reflexões. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

CORTEGOSO, A. L. Análise e programação de contingências ao administrar agência de atendimento educacional a crianças e jovens: da caracterização de necessidades sociais à implementação do funcionamento. In: GUILHARDI, H.J. et al. **Sobre comportamento cognição**. Santo André: ESETec, 2001. v. 8, cap. 42.

GROSSI, R.; BURANELLO, A.S.; SILVA, A. P. Aquisição de comportamento adaptativo e extinção de comportamentos agressivos a partir da aplicação do currículo funcional em uma criança portadora de deficiência mental. In: MARQUEZINE, M. C. et al. (Orgs.). **Perspectivas multidisciplinares em educação especial**. Londrina: UEL, 1998.

GUHUR, M. L. P. A representação da deficiência mental numa perspectiva histórica. **Revista Brasileira de Educação Especial**, n. 1 / 2, p. 75-83, 1994.

IVERSON, A. M. Estratégias para o manejo de sala de aula. In: STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

MENDES, E. G. Reconstruindo a concepção de deficiência na formação de recursos humanos em Educação Especial. In: MARQUEZINE, M. C. et al. (Orgs.). **Perspectivas multidisciplinares em educação especial II**. Londrina: UEL, 2002.

MITTLER, P. **Educação Inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

MIURA, R. K. K. Currículo funcional natural e o ensino de pessoas com necessidades especiais. **Mensagem da APAE**, p. 32-35, jan./mar. 1999.

MIURA, R. K. K.; PROFETA, M. S.; TOLEDO, M. M. E. Fala professor: dificuldades e alternativas pedagógicas In: MANZINI, E.J. (org). **Educação Especial: temas atuais**. Marília: UNESP, 2000.

RODRIGUES, O. M. P. R. **Inventário de habilidades** [S. l.: s.n.], Mimeografado. 1998.

RODRIGUES, O.M.P.R. Desenvolvendo estratégias para a prática educacional da criança com deficiência mental. In: ZANATA, E. M.; LEITE, L. P. (Org.). **Educação Inclusiva: iniciando o debate**. Bauru: CECEMCA, 2005.

SANTOS, E. F. O desenvolvimento de um currículo funcional numa instituição para adultos com deficiência mental profunda. In: ZAMIGNANI, D.R. (Org.). **Sobre o comportamento e cognição**. Santo André: ARBytes, 1997. v. 3. cap. 6.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

#### Correspondência

**Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues** - Av. Eng. Edmundo Carrijo Coube, 14-1 Cep: 17 033-360 Bauru (SP).

E-mail: olgarolim@fc.unesp.br

Recebido em 25 de fevereiro de 2008

Aprovado em 24 de abril de 2008